



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com Rosalva Higina Oda (Vava)

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis - SC. Data: 17/04/2013

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Projeto de origem da entrevista: Foto Sensível Armação

Parcerias do projeto Foto Sensível Armação (2013): Câmara Clara, Ponto de Cultura Baleeira - Instituto 3 Vermelho; FUNARTE;

Mais Cultura, Cultura Viva, Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural, Ministério da Cultura, Governo Federal.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa | Editoração: Daniel Choma

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

ROSALVA – Tinha respeito, ia deitar era benção, abençoavam, tinha aquela educação bonita. Meu pai criou doze filhos, graças a Deus se criaram todos numa boa, se casaram, não teve um que dissessem que era ladrão. Criou tudo na mandioca, plantava mandioca aqui na Lagoa do Peri, vocês conhecem? Fizemos uma casa, aquilo ali tudo era do meu pai. Tinha engenho de farinha, engenho de açúcar, ele trabalhava de carpinteiro. Trazia mandioca das areias da lagoinha. Eu remava um canoão grande que ele fez, pra trazer mandioca, milho, tudo lá perto do Peri, aqui nesse morro, virado pra Lagoa. Plantava lá e carregava de canoa pra cá, pra terra, pra pegar o carro de boi, enchia e vinha pra reta ali. Dava uma trabalhadeira, eu trabalhava na roça naquela época. Andava de carro de boi pelo caminho, andava a cavalo, tudo eu fazia, pescava com aquele balaio, tinha uma boquinha, o cará entrava pra dentro, eu ia lá às dez horas, já estava cheio de peixe. A Lagoa, naquele tempo, a gente via os peixes por cima da água. Não tinha quase ninguém, era pouca gente. A gente pegava fácil os peixes, catava só aqueles grandes, escamava, passava sal, pegava um espeto bem grande, enchia e botava no fogo, tinha lenha, ficava amarelinho. Cozinhava feijão, farinha de casa, o açúcar era caseiro. Meu pai fazia num engenho que tinha ali fora. Comia tudo normal: pamonha, meu pai fez uma gamela de madeira com um ralador, eu ia lá e ralava aquele milho puro, fazia aquelas pamonhas. Eu não tinha uma doença, agora que começou a aparecer umas doenças em mim. Aí eu me casei e peguei serviço na escola. Eu corria, brincava de recreação com as crianças, depois que saí senti muito, sabe? Me deu até um AVC fraquinho, não deixou marca, só os olhos, mas já passou. Mas acho que fiquei muito sentida porque eu chorei, as crianças choraram muito. Vocês podem ir lá na escola e perguntar pra eles quem era eu lá na escola. Eles hoje ainda passam por mim, esses mocinhos: “- Vava, tu não vai voltar mais pra escola?” Porque era só eu que brincava com eles de correr, de vara, se não fosse vara, pular corda e brincar de ratoeira, essas coisas... Eles não deixavam eu tomar café, já chegavam do recreio: “Cadê a Vava?” Eu me escondia dentro de um quartinho que tinha de guardar material e tomava cafezinho com as outras. Tinha umas seis serventes. Lá eu ajudava tudo, era servente, quando não tinha ninguém pra cozinhar eu ajudava. Diziam: “A Vava não veio hoje?” Meu pé ficou assim chapado de correr descalça. Meu sapato que tenho ali é fininho, desses de biquinho, quem diz que meu pé entra ali dentro? Vinte e seis anos de escola eu tive. Então eu brincava de vara, corria que era um cachorro [Risos] E já estava com 70 anos, subia aqui o morro, eu corria aquele sertão. O sertão é só morro, tem não sei quantos quilômetros. Eu ia de pé, descia correndo e subia correndo. Digo pra eles: eu era um cachorro. Eu não tinha dor nas pernas, nem sei contar pra vocês, tão forte que eu era. Eu ia pro Peri, pegava uma embarcação, levava um homem que tinha uma serraria lá, pra passar a lagoa toda. Ele chegava ali em casa na reta, pedia pra mim levar, eu era mocinha assim como tu. Eu levava ele pra lá, ele me ajudava e pra cá eu vinha sozinha. Vê quantos quilômetros tem daqui lá de água pra atravessar, eu arriscava minha vida, passava perto de jacaré. Eu tomava banho lá na lagoinha porque lá era só bicho, daqui pra trás nesse morro tinha muito. A lagoa era cheia de jacaré, só tinha um moço que vinha do Rio e a gente ia levar ele pra matar jacaré. Eram tantos, ele matava jacaré, tirava o couro, nós comíamos assado. Ele matava lagarto. A carne do lagarto vocês já comeram? Eu não sei falar muito bem porque só estudei até a quarta série. Naquela época não tinha ginásio. Estudei lá na Palhoça um pouco, estudei aqui, porque a gente era mais da roça. Eles achavam que naquele tempo mulher não precisava estudar muito. Era mais pra ajudar em casa... Eu sabia ler e tinha uma boa cabeça, vocês podem acreditar. A professora era muito brava, ela fazia a gente estudar os pontos, contando quem foram os primeiros governantes aqui da cidade. Os índios, como os navios traziam os negros pra cá. Como faziam que levavam os presentes, enganavam os negros e

ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

botavam dentro do navio, fazia aquela montoeira, tudo enganando. Enchiam o navio, mandavam entrar todos dentro do navio, quando estava cheio eles fechavam, ficavam tudo dentro do navio e vinham embora.

DANIEL - A senhora chegou a conhecer famílias de negros?

ROSALVA – Conheci, aqui tinha, ainda peguei uma senhora de 85 anos, eu me casei, ela ainda durou muito, ela morreu depois, acho que com 115 anos, dona Isabela. Porque também era muito pobre, não tinha gente pra cuidar, pra dar uma ajuda... Então ela pegou o tempo dos negros. Aqui ainda tem. Depois, se vocês quiserem, ali na praia ainda tem os alicerces que eles contavam, do tempo que os negros matavam baleia. Todos os negros naquela época tinham que matar baleia e tinha um senhorzinho que chamavam, eles comandavam os negros. Os negros eram muito judiados, eles batiam, faziam os negros de escravo pra matar baleia, derreter baleia, ali ainda tem os alicerces na praia. Na praia, antigamente, tinha um senhor lá da lagoinha que trabalhava lá. Um senhor de 90 anos, era muito lúcido ainda, era José, mas chamavam seu Zeca, então ele contava. Ele era de idade, mas ele tinha cabeça muito boa. Então ele dizia que naquele tempo, se o negro não matasse uma baleia, eles matavam. Era como hoje, um soldado vai pro exército, vai cumprir. Então eles tinham que matar baleia. Tinha um capitão aqui da lagoinha, capitão Isidoro, chamavam, ele era muito ruim. Ele batia, botava os negros no sol quente direto, mandava lá pro Pântano do Sul. Seu Zeca contava essa história porque ele pegou e ele disse que faziam ir lá comprar peixe, se trouxesse peixe errado ele já mandava dar uma surra. Isso tudo ele pegou. Ele era muito ruim... Seu Zeca contava porque ele pegou.

DANIEL - A senhora chegou a ver pesca da baleia?

ROSALVA – Cheguei, eu piquei toucinho. Cinquenta anos atrás tinha pesca da baleia aqui. Um homem chamado Joaquim, lá da Imbituba, vinha matar baleia aqui. Ficava ali na casa de seu Manoel Patrocínio. Meu irmão mais velho mora na Freguesia, ainda é vivo. Vai fazer oitenta anos agora. Ele ia pra lá com uma lancha. Traziam um arpão, como se diz? Uma metralha naquele ferro. Naquele tempo não tinha lancha a motor, era remo. Eles iam, a baleia estava lá fora parada, iam bem quietinhos e encostavam a lancha perto da baleia. O homem subia em cima da baleia, esse Joaquim, pegava o arpão e enfiava dentro com toda força. Ela tem um couro muito grosso, igual uma borracha. Enfiava lá dentro, deixava a bomba lá dentro, ele só descia da baleia bem rápido, entrava dentro da lancha, iam bem ligeiro pra fora e quando a bomba estourava dentro da baleia a baleia aprofundava. De certo estourava tudo dentro, cortava tudo. Aí ela sumia, eles vinham embora. Quando fazia dois, três dias, ela boiava, estava morta. Morria e vinha pra cima por causa da força da banha. Tinha aquelas postas grossas. Iam lá pegar ela, rebocavam, iam com duas lanchas ou três, traziam, ela encalhava ali fora e eles vinham. Depois eles cortavam tudo lá e tinha uma cargueira, um galpão que tinha os fornos grandes que eles prepararam pra botar os pedaços. A gente cortava tudo em pedaço. Aquele forno ia esquentando e a banha ia derretendo, eles traziam uns latões grandes, redondos, de duzentos litros, levavam tudo pra fora, disse que era transportado pros Estados Unidos. E aqui também as casas eram feitas com óleo de baleia. Hoje eles usam cimento e naquela época não tinha. Eles colocavam óleo da baleia pra fazer o traço. Hoje essas casas antigas que estão com cem anos, cento e poucos anos, diz que é tudo feito com óleo da baleia. Como a Freguesia, aquela casa na frente da escola, bem velhinha, já está com cento e quarenta anos. Eu já estou aqui há quase sessenta anos, já

estou com 75 anos, já existia aquilo ali. Seu Zeca, da lagoinha, que contou do escravo, falou também que era casa muito velha aquela ali. Até era de um curador de cobra, ele curava as pessoas que a cobra mordida. Mas eu estava contando pra vocês da praia: a praia era lá onde eles põem as lanchas, ali fora. Mas antes ele disse que pegou lá na ponta da ilha, não era ali. Eu peguei ali e ele já pegou lá na ponta da ilha, lá no canto do Morro das Pedras, nas campanhas, lá no finalzinho dela. E ele contava também que aquele mar, quando bate lá fora, tem uma travessia ali, uma lage, eles dizem, era no tempo dos escravos, antigamente mesmo. Dizem que a terra do Campeche era ligada com a ilha do Campeche. Ela pertencia á praia, a terra vinha ali. E aqui, tu vê, ele disse que era solteiro, esse seu Zeca, e na lagoinha era só uma família de dezoito filhos. Eram dezoito com ele, nove homens e nove mulheres. Então ele disse que a mãe dele secava café, tirava a casquinha do café e ele levava tudo lá pro mercado velho, no centro, ele ia de pé. Usava uma bolsa pra trás e pra frente, enchia isso aqui que era liso e isso fazia contrapeso. Quando chegava ali em cima do Morro das Pedras ele olhava em dia de sol, aquela cerca de ossos de baleia começava ali na ponta, ia lá na ponta da ilha, na praia, aquele trancelim de arca de baleia, branquinho em dia de sol. Ele pegou lá fora. Tu vê, eu também já peguei ali na frente. Agora tu vê onde está aqui já, o mar vem avançando, entendeste? Há cento e poucos anos já avançou isso tudo aí. Não veio mais porque eles botaram as pedras, porque já estava entrando em algum lugar aí pra dentro. Se não botasse essas pedras não tinha mais praia, avançava mesmo. Porque quando dá esse mar grande assim, quando ele estoura lá atrás da ilha das campanhas, a gente vê aquele lençol lá em cima. De alto que ele dá, estouro que ele bate no costão. Aí ele vem com tudo, bota água, ele já botou água ali onde está os bombeiros, salva vidas. Se tiver carro, quando dá esse mar ele molha as pessoas. Sobe naquela ladeira. Eu penso comigo: tomara Deus que aguente. Esse trabalho que estão fazendo, essa mão de obra, vocês já viram como está o calçadão? Bonito. Gente, olha, eu não dou muita fé porque quem conhece esse mar, só fico pensando, só São Joaquim e a Santa Anna que já são velhinhos, padroeiros antigos mesmo, que eles cuidem. Porque muita gente diz, mesmo os pescadores dizem: é um gasto, podem ir até lá no final, tudo quanto é cantinho eles vão entrando, tudo com aquela fé. Tu vê, as pedras eram todas numa altura só até seiscentos metros, oitocentos metros. Seiscentos dizem que vão calçar e o resto pra lá não, porque lá as pedras já estão baixas, o mar vai batendo e as pedras vão descendo. Quando dá maré cheia ele vai dentro delas, vai mudando com o peso. Eles estão botando fé, tomara Deus, que aguente. Quem viu isso aí, o mar já era lá fora, está aqui. Não entrou aqui porque é mais alto. Dizem que já estava entrando, ali onde tem o Hiperbom da lagoinha, tinha um pedaço, botaram pedra até lá porque ele já estava começando a descer. Se abrir um canal ali vai embora. Esse seu Zeca já contava que aqui ele pegou mar, ele andava de canoa aqui pra dentro, o mar vinha aqui, já foi aqui. Botamos uma bomba d'água aqui, não tinha água ainda encanada. Assim que a gente veio morar aqui, botamos uma bombazinha, um cano com uns quatro ou seis metros de fundo. Quando ele puxava vinha conchinha com areia da praia. Areia mesmo pura, da praia, com as conchinhas juntas. Vê como já foi praia.

[Corte]

ROSALVA - A praia do Matadeiro, a gente ia ali, a praia era lá adiante. Seu Zeca contava essas histórias da Armação todas, sabe? Ele contava que ali no Matadeiro tinha uma mata de vassoura, de árvore, na praia, botava boi, cavalo, lá dentro daquela mata. Agora cadê? Já está lá em cima na beira do morro. O mar tirou tudo, já está chegando lá em cima. Agora é

porque parou, mas quando ele fica bravo mesmo, a tal de maresia que dizem, ele carrega as lanchas, tem que tirar tudo daí senão ele leva tudo. Já chegou ali nos ranchos. Um dia estávamos dormindo, uns quarenta anos atrás, de madrugada veio uma mulher correndo lá da praia: “- Rosalva, não sei o quê.” Gritando. Isso aqui não tinha nada de casa, era vassoura. Eu abri a janela: “- Chama o Takeo que o mar está carregando as lanchas todas.” Guria, o Takeo só botou a calça, eu fui correndo atrás dele, cheguei lá perto da igreja, que eu olhei, botei a gritar, eu disse: “- Um dilúvio!” Gritava. O mar levou tudo praquele rio ali pra dentro, enterrou todas as redes de cerco que o meu sogro tinha, a tal da rede de cerco, depois conto pra vocês. Eu gritando, gritando e eles não puderam socorrer porque o mar se viesse carregava eles também. Quando baixou ele já tinha levado rede, canoa, pelo rio ia descendo aqueles pedaços de canoa quebrada, feio que era. Isso aí antigamente. Agora está dando uma parada, mas dizem que não sei se é dezessete anos, vinte e sete anos, sei que tem o sete junto, que dá esse tempo. Pois no Pântano do Sul também não deu aquele que entrou lá em cima? Quando dá aqui não dá lá.

DANIEL - Quando deu essa última ressaca forte que acabou as casas, como a senhora se sentiu?

ROSALVA - A gente ficou apavorada, porque podia ele vir atravessar, ele entrou aqui em cima nas ruas. Ele subiu ali, aqui não, porque é mais alto, mas ali que é mais baixo ele subiu. Foi um susto muito grande porque a gente pensou que ele ia acabar com tudo. Quando ele vinha, vinha aquele mar grande, vinha direto, batia nas casas, derrubava tudo. Foi daqui até lá embaixo. Pode ver que as casas agora já derrubaram tudo, tiraram, mas ainda tem casas. Agora não pode fazer mais, proibiram. Vai até lá, uns quinhentos metros daqui lá, ele lutou e era alto. Olha, eu passava, às vezes, caminhando na praia, eu olhava, as casas estavam lá dentro, lá longe, eles não iam fazer casa na beira do mar, fizeram bem longe. Tem gente que diz que fizeram na beira da praia. Não foi. Elas estavam muito longe do mar. Quem pensava um dia do mar chegar lá e derrubar as casas? Nunca que deu isso na cabeça. Não é que quando a gente viu, olhava as casas, o mar batendo em cima delas, derrubando tudo, foi o maior susto. Eu dizia: “- Ai meu Deus, está acabando com tudo.” Eu chorava, sabe? Todo mundo chorava. O mar está levando tudo e a gente não podia atacar. Uma coisa que só Deus nessa hora. Derrubou aquilo tudo, buracada que ficou ali, ia lá dentro, ele atravessava tudo, onde ele podia entrar, foi muito assustador. Peço a Deus que não dê mais.

TATI - E durou quanto tempo?

ROSALVA - Levou uns seis, cinco dias, por aí, depois foi diminuindo, foi perdendo a força. Quando ele parou e as pessoas chegaram estava tudo destruído. Tirou a maior parte da praia em que puxavam as lanchas. Destruíu muita coisa, estourou as casas. Pela beirada tem muito poucas casas que estavam mais no alto um pouquinho, mas acabou com tudo, nunca vi uma tempestade assim brava. Foi assustador mesmo porque os pescadores tiveram que tirar as lanchas, carregar tudo antes, quando eles avisaram. Os pescadores, quando dizem que o mar vai dar três metros de altura, eles já pegam e levam lá pro Pântano do Sul, levam pra Lagoa da Conceição. São trinta embarcações que eles trabalham aí no verão, é o ganha pão dos pescadores. Porque era só a pesca antes, não tinha isso, só meu marido, dois irmãos dele e mais alguns que vinham, algum sócio, mas era pouco. Então eles trabalhavam por mês pra carregar os turistas, por salário. Depois o Takeo saiu, foi trabalhar, pescava também com rede de cerco que o pai dele trouxe lá do Japão. Essa Armação era

muito pobre. Eles iam com os barcos pescar, os homens naquela época. Aqui só pescavam com aquelas redinhas de malha, não tinha outra opção. Aí meu sogro já estava com quase sessenta anos, ele trouxe essas redes pra cá porque os pescadores do Pântano do Sul passaram lá perto da Ilha Grande, Angra dos Reis, eles dizem que viram aquela rede pescando, o barco de pesca passou lá perto, dizem que foi assim a história. Um tal de Milton Grande - lá do Pântano -, estavam no barco e viram, os pescadores saltaram e ficaram curiosos de ver aquela rede, foram saber como aquela rede era, explicaram pra ele e chamaram meu sogro pra vir botar aqui pra eles no Pântano do Sul, aí ele veio pra cá e ensinou. Quer dizer que eles faziam as redes e ele cortava e fazia, porque ela é meia complicada, sabe? É cheia de nós... Aí ele ensinava, eles remendavam, costuravam tudo, mas ela é grande, ela tem eu acho que é 80 braças, que diz. E é redonda, bem grande. É amarrada com cabo bem forte, era bambu-açu naquela época. Eles botavam o bambu-açu amarrado em cima pra fazer boia porque não existia cano de plástico. Então iam pegar aqueles bambus grossos: bambu-açu, chamavam. Um dia até meu marido caiu de um caminhão cheio de pescador, tinham ido lá pra Santo Antônio de Lisboa buscar esse caminhão de bambu-açu pra fazer a rede primeiro, lá na Lagoa da Conceição. Quando chegou no Morro das Pedras o caminhão carregado de bambu e quatorze homens em cima, tombou no costão ali do Morro das Pedras, às oito horas da noite. Eu estava grávida de uma filha que mora aqui, ela já está com 48 anos. Eu estava grávida e tinha dois meninos. Eles não me falaram nada, no outro dia que fui saber que ele estava no hospital. Mas as boias eram feitas com aquilo, dava muito trabalho. Hoje não, hoje em dia é fácil porque tem esses canos de plástico, servem de boia. De uns tempos pra cá estão botando esses canos de plástico e antes era de bambu. Mas dava muito peixe, foi o que cresceu a Armação. Ele fez lá no Pântano do Sul e veio pra cá, fez aqui. Fez rede lá pro Andrino, que era prefeito, lá na Lagoa. Lá na Imbituba, também levaram pra lá. E mais alguns lugares, foi espalhando. Sei que o pessoal foi ficando melhor de vida porque foi dando mais força, mais serviço e os pescadores não foram mais pros barcos. Não precisou mais ir porque tinha aqui o chamado seu Canduca, era um homem ali de cima que tinha mais dinheiro. Quem tinha mais dinheiro fazia, o Acácio, ali em cima, seu João Hipólito, seu João do Jorge. Esses que tinham mais dinheiro compravam os fios, o cordão. Eu fiz bastante rede naquela época, o serviço era a rede, pagavam pra gente por quilo e a gente fazia aquela montoeira de rede. Depois meu sogro e os pescadores levavam. Cada um tinha duas, três. Tinha aqui um ponto na frente das campanhas. Lá pro outro lado, perto do Matadeiro tinha e na ilha do Campeche. Ela tem que trabalhar perto do costão, sabe? As pedras ficam aqui, a rede fica pra fora um pouco pra não se rasgar quando é o mar grande. Eles amarram as pedras na rede, botavam uma rede pros peixes não passarem entre a rede e as pedras. Aí os peixes vinham, tainha, anchova, viam a rede na frente, elas voltavam e a boca do cerco com essa rede estava aberta, o peixe entrava pra dentro da rede, dali ensacava e não saía mais. Entendeste? Era segredo, era uma rede que depois de entrar o peixe ele não sai. É difícil sair. Então eles vão lá, encostam as embarcações, pegam a rede, vão puxando e botando pra água e o sacador está lá no fundo, uma rede bem miúda pro peixe não passar. Aí o cardume vem pra cima, o peixe vem junto, aí vão com aquele sarico e começam a puxar, encher e despejar na lancha. Guria, era o dia inteiro, não dava tempo de comer porque era peixe o dia inteiro no tempo da anchova. O caminhão cheio ia levar pro centro, mas eles não davam preço. Trabalhavam muito naquela época, mas sempre dava um dinheiro. Chegava em dezembro iam quebrar o boião que eles falavam: cada um ganhava aquele pouco de dinheiro. O Takeo era o patrão, ganhava sempre mais um pouco. E o Takeo, os pescadores, bebiam muito, tadinhos e não dava tempo de comer também, era só

ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

trabalhando. E muitos gostavam de uma bebida a mais... Sei que em dezembro eles iam quebrar o boião na casa dos patrões. Aí era assim: cheia de maruja, que chamavam. O Acácio tinha uns quatorze homens que trabalhavam, seu João Jorge tinha mais quatorze ou dez, tudo assim. Tinha umas quatro marujas. Tinha o seu Canduca, seu João Hipólito, João Jorge e o Acácio. Esses quatro tinham maruja que chamavam, cada uma tinha seus donos. Então chegava no Natal, todo mundo era pobre naquela época, os pescadores eram todos pobres. Depois não, começou a dar um dinheirozinho, aí todo mundo comprava rádio, já faziam casa, todo mundo já comprava bastante coisa que o dinheiro depois foi ficando mais. O peixe foi ficando mais caro e foi crescendo mais gente, a Armação começou a crescer com muito turista pra cá. Tu vê, a maior parte aqui embaixo, do trevo pra cá, se conta as casas de gente daqui, é muito pouco, deve ter umas dez casas de gente daqui mesmo. O resto tudo é turista que estão morando aí. Vieram pra cá por causa da praia que era boa. A igreja ali era assim, ela ia descendo e ia embora, a praia ia lá fora, não tinha aquela descida ali não. As crianças andavam de bicicleta, desciam ali, iam lá na praia. Agora já não querem comprar mais terreno aqui, não querem fazer mais casa. Terreno tem pouco porque pra cá é muito pequeno. Não tem muita terra também, quem tem acho que já tem, quem não tem acho que não compra. Mas depois que deu esse mar grande as pessoas estão com medo de vir. Eles querem vender essas casas pela beirada, mas tem gente que chega e vê isso tudo aí já não quer.

[Corte]

TATI – A senhora trabalhava?

ROSALVA – Trabalhava na escola.

TATI – Não era com renda? A senhora fazia?

ROSALVA – Era tudo. Sábado e domingo trabalhava no restaurante. Fazia renda nas horas vagas. Fazia de tudo um pouco, pra uns gauchinhos que moravam aqui, uns rapazes que estudavam no Saco Grande, eles moravam porque não tinha onde morar, pra pagar na cidade era muito dinheiro, eles eram pobres, do Rio Grande, uns rapazes, umas raparigas muito boas também. Ficavam aqui em casa, era muito agradável. Minha vida foi essa, trabalhei de tudo um pouco. Se eu disser pra vocês que passei fome estou pecando. Nós tínhamos de tudo, morava li na reta, tinha engenho de açúcar, muita criação, porcos, vaca de leite, era família grande, mas graças a Deus. Tinha chácara de frutas, engenho, tinha tudo. Meu pai deu muita coisa pro pessoal, botavam os boizinhos à roda do forno, a primeira fornada ele enchia aquelas vasilhas. Meu pai era muito bom de coração, aquela família do seu Ercílio eram muitos filhos. Meu pai dava açúcar, dava farinha pros que não tinham, ele ajudava bastante. Se ele pudesse dar pra todo mundo ele dava, mas aqui eles falavam que iam levar farinha e peixe pra trocar. Criavam as crianças com pirão de água. Tinha uma pretinha que fazia renda aqui comigo, a Luci, dizia que a mãe ia lavar roupa lá embaixo e ela ficava com os irmãozinhos em casa. Faziam mingauzinho de farinha com açúcar e botava nas boquinhas deles pra eles chuparem aquele açúcar, não tinha leite. Imagina, pequeninho comendo pirãozinho já com peixe. Não tinha nada, não tinha uma bolachinha. Fraquinha, todo mundo comprava cem gramas de banha, duzentas gramas de banha pra poder fazer o temperinho. Não tinha tomate, não tinha nada, nem cebola, era peixe cozido com água e sal, ou assado. Vim pra cá e carreguei lenha do mato. Não tinha fogão a gás. Ia lá pra trás, trazia

ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

pro Matadeiro molhe de lenha nas costas. Era fogão a lenha há cinquenta, sessenta anos atrás. Não tinha fogão, era todo mundo carregando lenha dos matos. Atravessava com molhe de lenha. Isso tudo já fiz.

DANIEL - Não tinha ponte ali no rio?

ROSALVA - Passava por dentro do rio. Fizeram outra, diz que é bem fina, passa duas pessoas. Naquele tempo atravessava o rio pra ir pra lá pegar lenha. Era um sacrifício, não tinha fogão a gás pra comprar, depois que o fogão veio. A cabo de anos a gente comprou fogão, foi comprando um radiozinho pra se escutar, não sabia de nada, chegava à noite ia dormir. Jogava um baralhozinho, um dominó pra passar o tempo. Só que as crianças não tinham nada pra perturbar, não iam agarrar na televisão, eles pegavam e iam estudar. Naquele tempo o estudo era melhor, entendeste? Hoje os pais já estão reclamando que os filhos não ligam muito pro estudo...

[Corte]

[Comenta sobre um de seus retratos pessoais]

ROSALVA - Essa aqui também é bem antiga. Quando eu cheguei aqui.

DANIEL - Onde é? Na armação?

ROSALVA - Quando vim morar aqui, há cinquenta e poucos anos.

DANIEL - Nessa casa?

ROSALVA - Nessa casa não, era de madeira. Isso aqui era um rancho atrás de casa, sabe? Estou assentada na porta do rancho. Não é a casa verdadeira não. A primeira casa que nós moramos foi de madeira.

[Corte]

[Comenta sobre fotografias da igreja]

ROSALVA - Essa aqui foi do tempo da escravidão, essa primeira, ainda tem pedaço, ela foi aumentada nova do lado, mas a geral já é bem antiga. Ainda tem a porta da frente, aquela porta de madeira é de cento e poucos anos.

TATI - Essa a senhora chegou a ver assim?

ROSALVA - Cheguei, peguei todas. Peguei essa, agora é porque botaram a torre no meio. Essa aqui é outra, é o Espírito Santo. Essa aqui é da Armação, com essa cruz aqui do lado? Acho que ficava na frente da igreja.

DANIEL - Às vezes é o ângulo, a posição que a pessoa tirou a foto.

ROSALVA - É, tirou de lado, essa cruz era na frente da igreja. Era bem lá embaixo, antes de descer era por ali. Ficava ali, depois então a praia era bem lá embaixo, onde estão as lanchas. Vê a distância que tinha e a gente sentava aqui, tinha bastante calçadinha ao redor pra todo mundo sentar em roda, porque não tinha banco. É antiga...

TATI - E essa árvore aí no canto?

ROSALVA - Tinha umas pitangueiras.

TATI - E essa aqui?

ROSALVA – É o tempo da escola, quando entrei na escola, uns trinta anos atrás. Estão com vassoura limpando a escola que deu um temporal e entrou dentro.

TATI - Quando a senhora entrou na escola já era nesse prédio de agora ou era aquela de madeira?

ROSALVA - A escola era uma antiga, quando entrei pra trabalhar. E a primeira escola era aquela casa grande, velha, perto dos bambuzeiros, aquela já tem cento e poucos anos, já estava feita e essa aqui que estamos limpando já era a segunda escola. Quando dava temporal a água entrava dentro da escola, pela porta adentro, ia levando tudo.

DANIEL - E a bandeira do Divino?

ROSALVA – A bandeira do Divino agora vai vir pra Armação. Agora fazem a festa do Divino, agora está lá na Costa. Porque quando Jesus morreu, assim que ele subiu pro céu, ao cabo de 40 dias ele veio ao mundo. Os apóstolos estavam todos escondidos, conta a história, estavam dentro de uma casa escondidos com medo de Deus, porque já tinham matado ele, era o amigo deles e a mãe dele estava junto, todos escondidos. Aí Jesus veio conversar com eles que eles saíssem, que fossem pregar o evangelho que passou a história dele, assim como os padres que andam e pregam o evangelho. Naquele tempo aqueles apóstolos saíram pelo mundo, foram pregando o evangelho, foram escrevendo todas as histórias. Jesus, 40 dias depois de morrer, ele voltou à terra. Agora a quaresma acabou e foi nessa época que o espírito dele veio à terra. Então fazem a festa do Divino porque ele veio à terra e agora a gente está saindo com ele pela comunidade toda, nas casas de quem gosta. As pessoas dão um dinheirinho, quem quer dar, de promessas. Porque de primeiro o Divino Espírito Santo curava muita gente. Faziam promessa e davam massa. Mandava fazer uma massa de pão: quem tinha problema de braço prometia pro Espírito Santo, se curasse, eles davam um braço de massa. O braço melhorava, eles iam lá na festa do Espírito Santo, na novena que fazem em cada casa, quando anoitece, levam as massas e arrematam. Gritando: é dez ou vinte. Aí todo mundo já compra, porque é uma massa bem gostosa, não é igual a pão, é melhorzinha. Todo mundo: quem tinha problema de perna, prometiam perna de massa, o Espírito Santo curava, pagava. Um dava galinha, davam tudo quanto é coisa se quisessem pagar promessa. Prometeu tem que pagar porque diz que não é bom ficar devendo. Ficou essa história do Divino até hoje. Fazem a festa quando acaba. O santo tira todas as casas, acabou. Aí esse dinheiro que recebe das casas, das promessas, eles dão pro festeiro, fica pra pagar o cortejo que é formado por crianças. Vocês já viram o cortejo do Espírito Santo? As crianças que se vestem. É alugada a roupa lá em Santo Amaro. Pegam as crianças, vão em fila, doze crianças bem vestidas. E a rainha, naquela época de Portugal, tem uma história que o filho dela era guerrilheiro, pegava os soldados e partia pra matar gente. A rainha de Portugal dizem que prometeu pro Espírito Santo se o filho não matasse mais ninguém, não ficasse mais guerrilheiro, que acalmasse ele, o rei dava a coroa pro Espírito Santo e ela dava a almofada dela. Tem um canudo, tem um nome, redondinho, era do rei, de valor. Dava tudo pro Espírito Santo se ele não deixasse mais o filho guerrear. Aí o filho não fez mais guerra,

não matou mais ninguém, acalmou. Aí o Espírito Santo, a rainha vai e leva uma almofada aveludada bonita e o rei leva uma coroa. O festeiro - fazendo que ele é o rei -, leva, chegam lá e botam na cabeça. Levam pra coroar, depois passam pra outro que fica no cortejo de novo de rei. Coroa aquele que está lá sentado e passam a coroa praquela. Fazendo as vezes que o rei entregou tudo pro Espírito Santo, entende? Foi aceito. Daí ficou a festa do Espírito Santo, todo ano fazem para lembrar o tempo do Espírito Santo. Todo ano tem esse negócio: o Santo sai, vai de casa em casa, quem quer ajuda, quem não quer não aceita. Tem gente que não gosta, não acreditam, mas acho que muito poucas casas não aceitam. A gente dá cinco, dez reais, mas eles não ficam com esse dinheiro, sabe? Eles pagam um jantar pras crianças e alugam as roupas, que é caro. Aquelas roupas vêm lá de Santo Amaro, vem dois tipos de conjunto de roupa. Tem sábado à noite, uma festa bonita e a missa de domingo em que passa a coroa pro rei. É muito bonita essa festa do Espírito Santo, vou todo ano. Eu gosto.

TATI - A senhora vai com a bandeira também de casa em casa?

ROSALVA - Carrego, eu vou. Ano passado fomos em três pessoas só. Corro a Armação pra subir a ladeira até lá em cima do morro, de lá, da lagoinha, outra pega, tira lá. E por aqui por baixo, pelas chácaras - dizem-, acima do trevo, daquele lado de lá pra cá nós que tiramos, até aqui dentro. Depois outras pegam, porque cansa a gente andar muito.

TATI - E vocês cantam?

ROSALVA - Não, só canta quando fica na casa, onde chega, tem a novena e é cantado. Tem gente que canta novena antiga, muito bonita. É o seu Cesar, ele mora lá em cima, faz a novena do Espírito Santo cantada. Na missa tem os tocadores do Divino. Tem um conjunto que canta lá do Sertão, eles vêm cantar, é bem lindo.

TATI - É o Seu Nivaldo?

ROSALVA - Não sei bem, sei que são dali da Costa de Cima, Costa de Dentro, por ali. Eles vêm cantar a cantoria do Espírito Santo. Tem uma que canta a voz fina, vai lá em cima, levanta a voz, muito linda. É uma música emocionante, antiga...

TATI - É bonita também porque é cheia de fita...

ROSALVA - É cheia de fitas de todas as cores porque diz que quando Espírito Santo veio do céu, veio descendo com bastante raios de luz, então eles fazem de conta que isso aqui é os raios do Espírito Santo quando veio. Ele veio tipo de um pombo, diz que era um passarinho, quando chegou em terra foi se abaixando e transformando em homem, em certa altura e desceu, mas quando ele veio voando diz que veio com asas esticadas. Eu vi passar, não sei se foi um filme, não tinha visto bem, mas ele veio com braços abertos tipo uma asa, veio esticado, voando. Diz que estavam rezando aí ouviram aquele barulho igual uma trovada, num dia bonito. Saíram na rua pra olhar, era ele que vinha voando, ele veio com aqueles raios. Devia ser lindo, não é? Aí ele ficou o homem que ele era mesmo. Contam essas histórias todas de antigamente. Isso já é histórico, porque desde meu pai, minha avó, na Palhoça já tinha isso aí, na barra do Aririú, eles faziam. Desde quando eu era pequeninha. Só eu já estou quase com cem anos. *[Risos]* Imagina meu pai, se estivesse vivo, minha avó já estava quase com duzentos anos. Porque dois mil anos... Nasce uma criança hoje, amanhã

ou depois já está um moço, de trinta, já está com cinquenta anos. Dois mil anos não é tão velho. Se fosse milhões de anos aí era longe, mas dois mil anos pra ter essas histórias não é tão velho. É velho e não é porque dois mil anos faz que ele nasceu. Conta a história que ele nasceu em dois mil anos. Tem o Natal. Não é coisa velha, ele já era moço, já tinha 33 anos quando ele morreu... Foi uma época que ele veio ao mundo, primeiro preparou o mundo todo, depois deixou tudo controlado como ia ser, sete dias que ele trabalhou, aos sete dias foi o domingo que ele deixou pra gente descansar. Dizem que dinheiro de domingo não rende, só quando é uma coisa que é muito mesmo pra não se perder, quando é o suor do homem. Eu tinha um tio chamado José Luiz, ele fazia mesmo, meu pai tinha gado e naquela época muita gente falava, mas não é tanto. A mosca, quando o boi tem um machucado ela põe aqueles ovinhos e os bichinhos ficam dentro comendo, chamava-se bicheira naquela época. Então o que ele fazia? Ele rezava uma oração. Aquilo estava minado, uma oração que falava que a bicheira ia adiantar tanto como o dinheiro do serviço de domingo. Ele falava e não demorava tempo, num instante, - eu vi, era pequena -, os bichos caíam da bicheira todos no chão, sem veneno. Falava do Bom Jesus de Iguape nessa oração e falava no serviço de domingo, que a bicheira ia adiantar tanto como o dinheiro feito aos domingos. Porque tem gente que tem e ainda vai trabalhar aos domingos, entendeste? Ele deixou os domingos pras pessoas descansarem. Procurar ele, fazer uma oraçãozinha, nunca é demais. Tem um ditado: lembra de mim que eu lembrarei de ti. Porque quando a gente está bem, a gente deita na cama, levanta, não se lembra dele, não faz um sinal da cruz. Então quando dá uma dor: Jesus, tenha piedade de mim. Ele vai dizer: quando tu estavas bem tu não lembraste de mim. Ele pode dar ouvido, não é de vingança, pra isso ele disse, quando estava na cruz, ele olhou pra cima antes de morrer, falou: Pai, perdoa eles porque não sabem o que fazem. Ele mesmo falando com ele. Pai, perdoa eles porque não sabem o que fazem. Não sabiam com quem eles estavam fazendo, matando Deus, não sabiam quem era ele... Então isso tudo existe, tem gente que não acredita, mas a gente nunca deixa de acreditar. Hoje em dia eu digo pros netos: saia da cama e lembra de Deus, de tu deitar, levantar bem, botar os pés no chão. E a gente sai andando, não custa nada perder uns cinco minutinhos, dar graças a Deus... Olha, esses 75 anos que a Vava tem, eu tenho uma imagem do Coração de Jesus ali porque eu trabalhava num bar, há trinta anos atrás, e uma empregada chegou com uma folha grande de mês com aquela imagem do Coração de Jesus, disse: "- Vava, queres ele pra ti?" Ela era lá de Águas Doces, era cozinheira. Disse: "- Quero." Quando olhei aquela imagem, parecia que ele estava vivo. Ela botou num quadro e trouxe pra mim. Então eu conversei com ele: "- Obrigado Jesus, tu me dar tanta força do que eu já passei, o que eu já fiz na minha vida." Ele me escapou duas vezes de eu morrer n'água. Quase que eu me afogo aqui no mar, a força d'água ia me carregando, eu nadava, fui lá fora naquela boia, quando eu ia chegando perto tinha uma correnteza d'água, um empuxo. O que valeu foi um rapaz que estava sentado na praia, um pretinho, estava sozinho lá em cima, ele correu lá e me deu a mão, ainda me puxou com toda força, ele me tirou da correnteza porque senão eles não iam nunca me achar. E o outro eu era pequena também, num rio da Palhoça, a correnteza ia me levando, a força d'água e não sei o que, estou pra saber, ele me guiou assim pro lado, tirou da força d'água. Eu não tinha de morrer. Eu agüentei num galho de mangue, gritei, depois os outros que vieram e me puxaram pela mão, eu agarrada ali, tinha uns doze anos, dez anos. Já escapei duas vezes, então foi tudo o senhor, tu me destes na minha vida, estás me livrando. E de mais coisas: eu trepava em cima de um pé de fruta chamado bacupari. Ele dava mais de vinte, trinta metros de altura. Eu subia lá igual um macaco, fiquei lá em cima, fui na ponta do galho que estava cheio, eu fui por cima. Cheguei lá, escorreguei o pé, passei a mão na ponta dele, fiquei

ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

pendurada. Outros que foram lá, meu irmão foi lá e me puxou, amarrou uma corda e me puxou. Gente, isso tudo eu já passei na vida, eu não tinha de morrer. Nessa lagoa ainda fico pensando, agora eu sei nadar, de casada, mas de solteira eu não nadava. E aquele lanchão grande de peroba, é uma embarcação, se fosse pro fundo carregada com seis pessoas dentro, sete pessoas, íamos pro fundo agarrado porque ela não bóia, é madeira de lei. Aquele vento vinha e aquele banzeiro, a lagoa não tem mar certo, é cheia de buraco, e a onda batia, botava água ainda dentro. Ah, morria meu pai, morriam meus irmãos, não era Deus que estava junto? A jararaca era tanta nesse morro aí pra trás, antigamente, que meu pai pegava um galho de pau quando saltava e ia tocando elas. Meu pai não podia machucar, ele só tocava com um galhinho de árvore, bastante folha, tocava e elas saíam. Dentro do rancho, quando chegava lá em cima do morro, era tampado com capim, estavam todas de cabeça pra baixo, penduradas... Todas embrulhadinhas, aqueles montes, chegava, estavam só piscando. Ele pegava um galho de árvore e tocava elas pra ir pra rua. Saía aquela fila de jararaca, cada uma daquelas aveludadas. Se mordesse morria. Até chegar em casa... Trabalhamos doze anos, acredita? Nunca nos picou um. A gente batia nelas, quando estava capinando, passava por cima do milho, ouvia aquele barulho passando, aquelas cobras por cima do milho, eu só abaixava. Tive tanta sorte, nós todos. Fazia assim: toda primeira sexta-feira do mês a gente ia na missa. É muito bom pra gente rezar, pedir a Deus pra livrar a gente de todos os males. Uma família de alemão que trabalhava ali pros padres, trabalhava também no outro lado da lagoa. Um só foi mordido nove vezes, o médico disse que ele tinha mais veneno que a cobra! *[Risos]*

[Corte]

[Comenta sobre foto da Casa de Retiros Vila Fátima, no Morro das Pedras]

ROSALVA - Quando fundaram esse prédio aqui, eu morava ali, era mocinha ainda, era solteira, a gente ia lá pra missa, faziam missa sem a capela, em um pedaço reservado até eles fazerem a capela. Antes disso muitas vezes ia à missa na Trindade com eles. Mas fui a madrinha, com meu pai e outra mulher da lagoinha. Botavam um monte de gente, rezava e nós botávamos a mão na pedra, fomos padrinhos da primeira pedra daquele convento. Naquele tempo faziam isso no começo de uma obra, hoje não sei se usa, mas cinquenta anos atrás eles faziam esse negócio de benzer a pedra, de colocar pra crescer. Então a gente foi madrinha dessa pedra e todo domingo ia à missa lá. O pessoal daqui, alguns iam, mais os da lagoa e do Morro das Pedras, que era mais perto. Agora diz que dá muita gente porque vai carro. Antes era tudo de pé, era mais difícil.

DANIEL - A senhora tinha quantos anos?

ROSALVA - Desde uns quatorze anos, ia de pé pra lá pro Morro das Pedras porque aqui não tinha, a igreja era de mês a mês, era uma capelinha, não tinha estrada boa, era chão. Depois começaram a asfaltar, de trinta e cinco anos pra cá que asfaltaram e a comunidade também cresceu, agora já tem mais gente. Hoje não dá muita gente como era. A igreja está fraca. Esses bingos tiram muito a fé, as pessoas vão pros bingos e não voltam cedo. Tem mais gente porque tem veranista de fora, que são católicos, enche mais a igreja, senão tinha muito pouca gente e hoje tem igreja em tudo quanto é canto também.

TATI - A senhora viu construir esse convento?

ROSALVA – Vi. De cabo a rabo, como diz a moda!

TATI – Começou a construir quando a senhora tinha 14 anos ou era mais?

ROSALVA – Já tinha uns quinze, dezesseis anos, porque eu me casei com dezenove anos, vinte anos, peguei tudo. Eles traziam aqueles presos que eram pedreiros e os ajudantes também. As pedras eram todas cortadas aqui no Morro das Pedras mesmo. Foi feito todo de pedra cortada, pode ver. Em cima já está ficando estragado, nas telhas, mas por dentro... Por dentro não sei dizer se é pedra cortada, faz muito tempo. Sei que por fora é todo trabalhado na pedra. Aquilo nunca vai acabar, vai durar até acabar. Quantos anos ninguém sabe,

TATI - Vocês costumavam ir à missa ali?

ROSALVA - As crianças faziam primeira comunhão tudo ali. Nunca fiz retiro lá não, tive vontade, mas como a gente morava perto nunca faziam. A gente fez retiro só de dia. Passava lá o dia e vinha embora de noite porque já era mais uma grana para ficar lá. Só comia o almoço.

[Corte]

DANIEL - Ratoeira, quando a senhora era criança, fazia?

ROSALVA - Isso já é antigo. A gente cantava, botava música pros namorados, pra brigar com a outra que roubava. Tem música bonita e tem umas que não são muito bonitas...

[Canta]

Lá fora naquele mar tem um laço de fita branca

Não é fita não é nada, é o mar que se levanta

Fiz a cama na janela estendi o cobertor

Deu um vento na roseira encheu a cama de flor

ROSALVA - E tem mais...

TATI - Tem alguma outra que fala do mar?

[Canta]

Lá fora daquele mar tem um barco embandeirado.

Debaixo da vela nova meu amor vai assentado

ROSALVA – Tem mais, mas na hora a gente não lembra, como é aquela da estrada?

[Canta]

Se essa estrada fosse minha eu mandava ladrilhar

Com pedrinhas de brilhante para meu amor passar.

ROSALVA - Eu sabia tantas, mas vai passando, vai deixando pra trás.

TATI - Pro seu marido, Takeo, a senhora chegou a cantar alguma?

ROSALVA - Takeo não ia assistir. Às vezes, quando cantava ali na igreja ele ia. Tem muitas que sabem músicas, mas têm vergonha de cantar. Bem ou mal a gente canta, no tempo ainda dos manezinhos! Tem uma outra que canta lá do Pântano do Sul, cantava assim:

[Canta]

Não me importa que tu usas o sapato que eu já usei

Não me importa que tu casas com o amor que eu já deixei

ROSALVA - No Pântano do Sul cantavam cada música!

[Corte]

DANIEL - A senhora chegou a trabalhar com café?

ROSALVA - Colher café? Colhi bastante, apanhava no Peri, apanhava aqui em cima, nesses morros todos era cheio de café. Morei aqui quatro anos, descendo o trevo, mais adiante, uma casa antiga. Quando a gente veio lá da Palhoça moramos ali até meu pai construir lá na reta. Ali pra cima tinha o cafezal do seu Silvino - ele já morreu, com noventa e poucos anos, mas a família ainda é viva -, a gente ia colher café. No Peri ia trabalhar mais a minha irmã, colher café. Ali na lagoinha tinha uma chácara de café também, eu apanhava. Só que ganhava pouco, a gente se arriscava, pulava por aqueles galhos, de um passava pro outro, porque era tudo trançado. O cafezal todo bem alto, porque do chão não dava, era muito pouco, tinha que trepar para apanhar por cima. No Peri tinha uma chácara que não acabava mais, deixava um pouco porque não tinha como colher tudo. Não tinha muita vendagem, era barato. Secava tudo, ainda socava no pilão pra mandar sem a casaca pra poder vender. Era muito trabalho por pouca coisa, entendeste? Não tinha valor. Farinha não tinha valor. O milho debulhado numa máquina a braço, ensacava não sei quantos sacos de milho, eles botavam no caminhão. O pessoal daqui que tinha caminhão, levavam lá pro centro, chegava lá davam o que queriam, diziam que lá o milho estava cheio, já não tinha muito preço. Pagavam o que queria, não vinha nota. Era igual o peixe, ia lá pro mercado, eles chegavam aqui e traziam a nota, dizia que estava tanto assim porque o mercado estava cheio, entendeste? Aí eles pagavam pouco por quilo. Uma vez até o Takeo se aborreceu, ele era patrão e disse pro pai dele, esse Naboru: "- Vai lá e pergunta pro João Hipólito..." Era o dono da parelha, ele não pescava, o Takeo que manobrava a parelha. Ele disse assim: "- Pergunta quanto está o quilo do peixe lá no mercado?" Aí esse Naboru foi lá e perguntou: "- Takeo quer saber quanto está o quilo do peixe lá no mercado." Ele disse: "- O quê? Não precisa saber." Ficou bravo. "-

Pra que ele quer saber? Depois eu dou o preço, depois ele vai saber.” Era assim. Aí o Takeo se aborreceu e não quis mais pescar com ele, porque não estava sabendo de nada. Ele era obrigado a saber porque ele que trazia o peixe pra praia. Ele que cuidava, ele era o patrão, ele era obrigado a saber. Não sei se na opinião de vocês, é certo? Estás comandando um serviço qualquer e o patrão manda tu trabalhar, fazer tudo, comandar e tu não saber quanto está dando, quanto está custando. Disse que ele até chorou, depois no fim, porque perdeu o Takeo. Porque o Takeo era um homem muito responsável. Ele pegava as canoas, eu não vi, mas contavam que ele botava a embarcação em cima das costas na praia e carregava! Eu disse: Quer morrer esmagado? Uma pessoa que tratava aquilo ali era aquilo, certinho. Gente, não é porque estou dizendo pra vocês, o Takeo e o Nilo eram muito famosos, gente de palavra, os japoneses, não sei se todos são assim, mas essa família era aquilo ali. Podes crer, não falavam mal de ninguém...

[Corte]

ROSALVA – Eu fazia muito shoyu aqui. A filha faz muito galinha, peixe, cozinha com shoyu, ele gostava com aquele nabo branco e cenoura, fazia aquela panelinha pra ele. Sashimi também, aquele que a gente faz cru, ele gostava quando trazia anchova, tirava o couro, picava tudo em lasquinha e botava o shoyu ali. Ele comia, quando estava com pressa e não tinha comida pronta, ele comia, tomava uma cachacinha e ia embora. Mais era shoyu, mas comida como nós ensopamos, carne ensopada, ele não gostava muito não. Foram criados todos assim, minha sogra fazia muita comida japonesa.

TATI - Disseram que antes da família deles ninguém tinha hábito de comer lula?

ROSALVA - Não, botavam tudo fora. Ninguém comia lula, tinham nojo, medo, não sei. Depois que eles começaram a comer, o povo foi todo em cima. Os meus filhos, quando nós casamos, tinha um pequeno, eles faziam o prato: picava a lula toda em rodelinha, botava no prato, pegava o shoyu, botava por cima da lula e comia crua... Porque a lula era muita. Agora esse ano deu pouca, não sei se foi porque os pescadores estavam trabalhando no Campeche com os turistas que vão lá pra ilha e não tiveram muito tempo. Agora não sei se mataram muita ou pouca, mas já não está dando mais como era antigamente. Porque a anchova também, dava muita, mas os barcos naquele tempo eram muito poucos. Agora são barcos demais. Então o que os barcos fazem? Vão lá pro Rio Grande atacar na barra, onde saem os peixes, as criações. É força de muito barco, então o peixe, quando chega aqui no norte, já chega pouco. Diz que no ano passado agora já não deu safra de anchova aqui. Como escasseou tainha, deu muito pouca. Porque já vão pra lá mil barcos de pesca, porque cresceu. Então vão pro sul e quando a safra sai lá já estão esperando. Quando o peixe sai de lá do sul mesmo já vão pegando em viagem, vão atacando. Chega aqui no norte coisa pouca. E naquele época, assim que eles chegaram aqui, se contava os barcos que tinha, eram muito poucos, então o peixe vinha pra cá, dava tempo de chegar aqui no norte, na Lagoa se fazia pesca, Rio Vermelho, isso tudo. Agora acho que nem lá não vão mais, coitados, os pescadores ainda estão se salvando, tem esse negócio da ilha, os turistas, é o que está dando dinheirinho pra eles sobreviverem. Com esse dinheirinho dá pra comer. E agora no inverno, porque no inverno não dá peixe... A safra da anchova já passou, foi novembro, agora só vai ser em outubro, novembro e se vier. Esse ano já não veio, está escasseando tudo. É a vida. Sempre Deus dá um jeito, não dá de um lado, Deus dá de outro. Sempre está todo mundo se safando.

ENTREVISTA COM ROSALVA HIGINA ODA (VAVA)

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/rosalva>

DANIEL – Qual é o santo aqui? *[Mostra fotografia]*

ROSALVA - São Sebastião. É a festa dele, procissão do São Sebastião. Antigamente tinha, agora só no Rio Tavares parece que está acontecendo ainda essa festa. Aqui na Armação tinha porque antigamente dava muita doença e não sei o que mais que acontecia, eles botavam São Sebastião na rua pra fazer a procissão dele. Saía daqui, ia lá adiante e voltava. Agora, de uns anos pra cá, desprezaram ele. Está na igreja, mas não sai mais na rua. Já deram muito desconto das festas que tinham antigamente. Só o que está acontecendo é a Santa Anna e São Joaquim, e a Nossa Senhora da Aparecida, que estão saindo na rua. Eles levam a Nossa Senhora da Aparecida lá no mar, num barco, numa canoa, ela vai lá no mar, dá a volta, depois ela vem pra igreja. E o São Joaquim e a Santa Anna vão lá embaixo, depois voltam pra igreja. É só esses três porque eu acho que a fé, não sei o que está acontecendo, o povo está desprezando, já não tem mais como era antigamente. Antigamente dia de Santo Antônio era feriado, Santa Catarina era feriado que eu peguei, dia 20, São Sebastião era. Cinquenta anos atrás, ouvi falar, eram quarenta feriados. Sábado, domingo, semana Santa. Agora sabe por quê? Me falaram que é por causa do comércio, por causa dos operários, não pode fazer isso tudo: quarenta feriados.

TATI - Antigamente todo mundo trabalhava por conta, não é?

ROSALVA - Sim, trabalhava se quisesse, se não, fazia feriado. Hoje em dia não dá, quem trabalha tem que cumprir. Modificou por causa disso, hoje não dá mais pra ficar em casa senão perde. Isso tudo Deus deu um desconto!

TATI - Quando a senhora pensa na Armação que a senhora conheceu antigamente, e hoje?

ROSALVA - Eram trinta casas, de lá do começo do Hiperbom pra cá até lá em cima. Às vezes estou na cama sem sono, fico contando as casas. Quando vim pra cá eu tinha 14 anos e tinha umas 20 moças só. Aqui embaixo tinha duas casas e as dos pretos que moravam ali atrás dos ranchos de canoa. Eles faziam um puxadinho e ficavam atrás dos ranchos de canoa. Seu mané Patrocínio, mané Pedro, dona Isabela, de cento e poucos anos, e aqui a dona Bilica que chamava... Só. A gente era solteira, vinha aqui embaixo, só tinha isso aí e a igreja pequena. Dali era a dona Maria Lucia e dona Edite, duas irmãs, e lá no final o seu João Hipólito, seu Serafim. Pronto, depois ia pra lá, vinha aquelas casas. Porque a parte baixa, do rio pra cá, ninguém tinha casa com medo do mar. Então era por cima, beirando o morro eles iam fazendo as casas com medo de passar pra ir lá pro outro lado, debaixo da estrada. Contava, tinha trinta casas. Tu vê como a Armação era fraquinha, bem pobrinha mesmo, eu não sei como viviam ali. Uns tinham engenhozinho de cana, muito pouco, mais era engenhoca de farinha. Sempre tinha uns por aqui, uns oito engenhos, porque era mais fácil. De cana já era mais complicado, não era qualquer um que ia fazer um engenho de cana pra tocar, mais era o peixe. Quando chegamos aqui não tinha roça, não sei como viviam sem farinha, sem cana pra fazer um açúcar. Não sei te contar como eles passavam. Eu lembro que tinha uma vendinha ali do seu Acácio, não botavam pão, pobre não comia pão. Se vinha um padeiro, antigamente, do Ribeirão da Ilha, de carreta, uma galhotinha, vinha trazer pão, mas quem ia comer pão, quem ia ter dinheiro? Não tinha dinheiro. Pra comprar um vestido naquela época tinha que trabalhar. Eu trabalhava na roça, ainda tinha que juntar concha na praia, peneirar, pro dono da caieira queimar e fazer cal. Eu fazia renda pra poder me vestir. Porque meu pai, pra vender açúcar e farinha aqui não tinha quem comprasse. Era muito ruim

naquela época, sessenta anos atrás era difícil. Quem tinha dinheiro? A gente pegava o sapato pra ir à cidade, ia de pé, era uma vez no ano pra ir no centro comprar uma sandália. Se vinha do Pântano do Sul pra cá tinha que trazer o sapato na mão, tirar do pé pra não gastar, porque depois não tinha. O vestido era um ou dois, guardadinho, pra quando sair ter aquele vestido. Era assim, tudo escasso mesmo. Não é como hoje, veste duas, três vezes, já joga no canto. Eu lembro daquela época que não tinha dinheiro mesmo. Muito pobre naquele tempo, meu Deus, eu peguei uma época melhor, ainda tinha pior, minha avó dizia que tinha gente que fazia roupa no tear. Feito à mão, tinha que desfiar o algodão pra fazer a roupa. Era muito difícil, minha mãe ainda comprava manta de uma senhora lá em cima, na Costa de Cima. Dona Clara é que fazia manta, era uma tenda, não sei onde ela ia buscar pedaço de pano. Nem tinha costureira aqui naquela época, era muito raro. Sei que ela fazia aquelas coisas bem duras, amarradas com fio, botava um fiozinho de pano, fazia tudo de lá pra cá, chamavam de manta, antiga, e a gente não ficou com nenhuma pra mostrar. Ainda quando casei trouxe de roupa de cama. Não tinha acolchado, não tinha nada. Lençol era feito de saca de trigo ou de açúcar: se lavava, emendava uma na outra pra fazer lençol, porque não tinha outros panos. Era difícil, só quem tinha mais dinheiro, mas aqui também era tudo pobre. Não tinha um mais rico que outro não, ninguém podia falar.

TATI - Só quem tinha venda?

ROSALVA – Venda era só um botequinho lá em cima, não tinha mais nada. Pobre mesmo, a Armação era pobre demais. Depois que esses japoneses vieram pra cá a Armação começou a crescer mais, pegou mais força. Os pescadores foram pescando, foram fazendo casinha até que todo mundo já melhorou bastante na Armação, hoje está tudo rico. Hoje não tem mais nenhum pobre, podes crer. Os que não trabalham todos são aposentados. Aqui tinha uma vizinha, família de pretos, a Nair, era pobre. Naquela época tinha muita pena dela porque ela tinha oito filhos e ele era pescador, bebia muito, a parte que ele ganhava esbanjava tudo. Eles passaram muita fome, mas ela criou todos. Hoje em dia ela ganha uns três salários, já está ganhando bem, participa de bingos, passeia. Já não tem mais pobre, se for procurar aí com uma luz acesa, agora ninguém mais tem pena, porque está ganhando, está desperdiçando. Todo mundo tem, Armação pode dizer que é rica.

DANIEL - E antes da luz elétrica, como era?

ROSALVA - Era lamparina, chama pomboca! A gente comprava querosene, depois comprava aquele lampiãozinho: era placa - não sei bem o nome -, um bujãozinho de vidro, embaixo tinha outro negocinho de lata, enchia ali, tinha um paviozinho em cima, dentro daquele vidro, então aquele vidro clareava a casa e melhorava que não fazia tanta fumaça. A gente fazia renda com aquela pomboca de querosene, ficava com a cara toda cheia, o nariz tinha que estar lavando porque aquilo prejudicava a gente. Fazia rede: amarrava um cordão de uns três metros de largura ou cinco. E a pomboca ali pendurada também, aquele fogo amarelo, aquele gás que saía bem preto, aquela fumaça até fazia mal a quem tinha problema de bronquite. A renda a gente fazia de noite e a vista, nem sei como hoje enxergo, sabe? O Takeo ia pra praia, lá pra ilha e eu ficava com essa moreninha chamada Luci, ela já morreu, mas ela trabalhava aqui, ficava comigo, aqui ela já comia e nós fazíamos renda até meia noite. E rede. O galo estava cantando, estava fazendo renda ainda, e rede, pra ganhar um dinheirinho, entendeste? Assim a gente fez. Tinha os filhos pra estudar também, quatro filhos, tinha que dar estudo, a roupinha. A dona Dilma era uma escola ali, foi feita pelo

primeiro governador, acho que foi o Ivo Silveira, fez essa escola aqui, o primeiro grupo. A dona Dilma era uma mulher muito caprichosa, uma diretora muito caprichosa, queria os alunos todos em ordem, limpinhos, de uniformezinho, todos calçadinhos. Um dia ela disse pra mim: “- Seus filhos não tem nada a reclamar.” Porque eu mandava todos limpinhos, eu lavava os tênis. Aqui era uma lameira nessa época. Tênis não era desse bom não, chamava-se conga, era de pano. Quando chegava em casa tudo embarreado a gente tinha que lavar. O cabelinho todo cortadinho, limpinho., quando eles chegavam em casa já tiravam na hora que era pra não sujar, pro outro dia estar limpo. Diziam: “- Olha mãe, a dona Dilma bota pra rua se chegar lá com sujeira.” Eu dizia: “- Está certo, escola é lugar limpo.”

[Corte]

ROSALVA - Disse que na Lagoa do Peri aparecia fantasma, aparecia baleia lá fora, bicho diferente, tinha lobisomens na Lagoa do Peri. Seu Zeca contava que existia bruxa e lobisomem. Dentro da água aparecia um tipo de baleia dentro da lagoa, ele via tudo, aquele bicho revirando, depois metia-se debaixo d'água ia sair lá longe, depois sumia. Tinha encanto, cantavam na Lagoa, era encantada que se chamava. Ele viu cantando banda de música, estava na roça trabalhando, disse que um dia ele escutou, estava um dia de sol, aquela música tocando na Lagoa, a banda, ele parou escutando, disse que era aquela banda a coisa mais linda. Aquilo ia cantando depois parava e aquelas conversas, mas não era nada dali, era um encanto que aparecia na lagoa. Ele via muita gente falando, conversando, mulher de branco ele viu. Chegava na lagoa às vezes e o lavador estava molhado, estavam lavando roupa, via mulher saindo com trouxa de roupa nas costas e sumia. Tudo lá na lagoa antigamente tinha. Ele contava que tinha lobisomem. Daqui ele ia pra casa, via aquele bicho atravessando na frente dele. Diz que via muita coisa, cavalo correndo naquele mato, mas disse que não era cavalo dali. Era lobisomem mesmo, naquele tempo tinha, naquela época eles contavam muita história de lobisomem. Um preto lá do Morro das Pedras também disse que um lobisomem correu atrás dele, um porco, ele pulou uma porteira que tinha pro porco não morder ele, foi um porco e sumiu, arreganhado, rindo pra ele. Naquele tempo diz que aqui embaixo, na Armação, também aparecia lobisomem. Antigamente aqui era mato, cheio de coisa ruim aí. [Risos] Ainda bem que não peguei lobisomem.

DANIEL - Falaram de boitatá?

ROSALVA – Tinha o boitatá. Tinha tudo aí. Seu Zeca diz que aparecia tudo quanto era bicho ruim. Esse homem tinha medo de vir tomar uma pinga aqui, tinha medo que pudesse o lobisomem atacar ele. Tinha muito bicho diferente naquela época. Agora não aparece porque o povo cresceu e não deu mais de fazer os fantasmas deles...

TATI - O que é memória pra você?

ROSALVA – Memória, na minha opinião é guardar aquilo que a gente vê, ter fé naquilo e apreciar. Guardar na memória o que a gente viu, vê e não esquecer, sempre estar com aquilo na mente, guardar aquilo ali, apreciar...

[Fim da entrevista]